

A História Perdida e Recuperada de Jesus de Nazaré - Dos Sinóticos a Paulo - de Juan Luis Segundo, que acaba de sair por PAULUS Editora aqui no Brasil retoma uma fórmula interpretativa levada a efeito por Milán Machovec em *Jesus para Ateus*: impedir que o interesse por Jesus e a explicação de sua doutrina continuem sendo reserva de mercado da religião e da teologia.

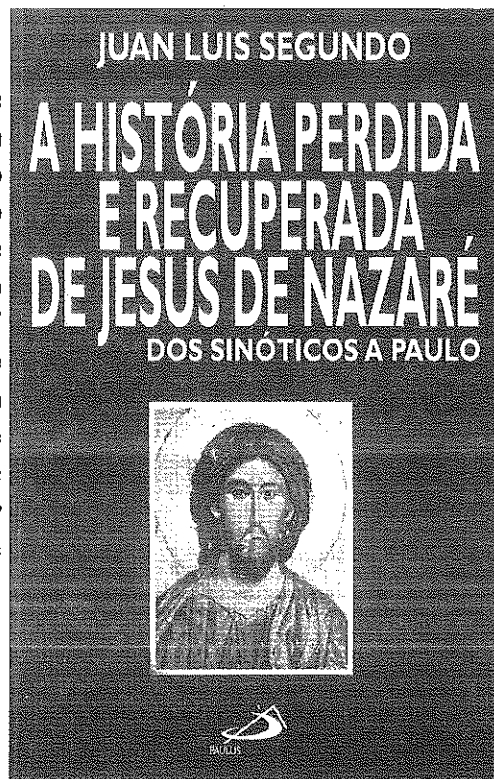
Juan Luis Segundo (1925-1996) procura estabelecer a verdade sobre Jesus (o homem histórico) e discutir a pretensa continuidade entre a figura de Jesus e o Cristianismo. Para o autor, o Cristianismo propôs valores universais, acima das religiões e da teologia, e Jesus está imerso em uma história concreta, de base social estabelecida, construída por homens de carne e osso, cujo sentido constitui uma busca permanente. A História Perdida e Recuperada de Jesus de Nazaré - Dos Sinóticos a Paulo (676 páginas), ao ser lançado na França, recebeu o prêmio de melhor livro teológico do ano.

Neste livro, o leitor depa- ra com um diálogo apaixonado e lúcido com "ateus potenciais" sobre o significado de Jesus de Nazaré.

Juan Luis Segundo, uruguaio, foi jesuíta e um dos principais representantes da Teologia da Libertação.

O livro é uma excelente contribuição à história das idéias, bem como à cultura religiosa.

Pedidos podem sei feitos pelo telefone 0800-557880 (discagem gratuita) de qualquer ponto do Brasil.



PAULUS Editora

José Antônio

Para se fazer uma reflexão abrangente e consistente deste tema, seria necessário mais que um simples olhar sobre a maneira como Maria foi compreendida antes da Teologia da Libertação. E isto nos renderia um trabalho de pesquisa bem mais apurado.

Porém, não é este o propósito deste trabalho. Na verdade, o que se pretende é apenas mostrar como a compreensão de Maria na Teologia da Libertação, reassume o seu lugar primeiro: o lugar de mãe dos pobres, conforme está escrito no *Magnificat*.

Neste hino, Maria anuncia que Deus está com o seu olhar voltado para o pobre. A sua vitória sobre os poderosos é certa. "Agiu com a força de seu braço. Dispersou os homens de coração orgulhoso. Depôs poderosos de seus tronos. e a humildes exaltou. Cumulou de bens a famintos e despediu ricos de mãos vazias" (Lc 1,46-55). Este é o centro da mensagem do canto de Maria.

MARIA, MÃE DE DEUS E MÃE DOS POBRES

A voz de Maria não foi um dito vazio e sem sentido. Foi uma voz que teve eco na pessoa do pobre, já que é ele o humilde e faminto. Maria afirma

que Deus despede os ricos de mãos vazias e tira os poderosos de seus tronos. Daí que ela pode ser compreendida como a mãe de Deus que é comprometida com a história do povo pobre, assim como Deus é comprometido também.

Entender Maria desta forma é entender o espírito do Magnificat onde encontramos a verdadeira identidade de Maria. Identidade de mulher e mãe, que se define por sua ação. Ação sutil, porém profunda e contestadora, conforme expressa no Magnificat, como observamos¹. Isto demonstra, conforme afirma Leonardo Boff, que o hino de Maria é de um "conteúdo contestador, profético, subversivo e libertador. Maria não possui os ouvidos somente abertos à mensagem do alto; ela possui um ouvido todo aberto aos clamores de seu povo oprimido. Ela é a mulher da verdadeira fidelidade, própria de todos os grandes profetas: no mesmo movimento no qual são fiéis a Deus, são também fiéis às premências do povo. A fidelidade a um implica na fidelidade ao outro, porque quem é surdo aos gemidos do pobre é também mudo diante de Deus. Maria ergue sua voz e fala: "Louva a Deus e intercede pelo povo;

¹ Gustavo GUTIERREZ. *O Deus da Vida*. São Paulo, Loyola, 1990.

*magnífica a misericórdia de Deus e suplica que ele se manifeste como libertação do humilhado e do faminto*². Esse é o perfil de Maria. Mulher que irrompe com uma dimensão libertadora dos fracos e oprimidos.

Mesmo vivendo numa época de cultura absolutamente patriarcal, em que a mulher não tinha vez nem voz, Maria solta o seu grito de protesto e denuncia o poder estabelecido. Neste contexto, imaginamos que a voz de Maria surge como um furacão avassalador, abalando as estruturas do patriarcalismo institucionalizado, como querendo dizer: a mulher também é humana tanto quanto o homem. Por isso, é capaz de fazer história³.

Com efeito, essa dimensão de Maria nos mostra, como afirma Paulo VI na sua carta sobre *O Culto à Virgem Maria*, que ela não é uma mulher passiva e de uma religiosidade alienante, muito menos submissa. Ao contrário, é uma mulher situada, atenta aos acontecimentos de seu tempo e de uma envergadura sólida frente aos embates da realidade.

Assim é Maria do Magnificat; Mãe de Deus e Mãe dos pobres. Mulher sensível aos problemas que afligem os

humilhados. Assim foi compreendida por um certo tempo. E, por isso, permaneceu mais próxima do povo sofrido. Quer dizer, enquanto foi compreendida desta maneira, esteve mais perto da realidade que nos cerca.

No entanto, com o passar do tempo, esta Maria do Magnificat foi sendo desfigurada. A Maria, mulher e mãe, encarnada na história, deu lugar às imagens de mulher fantástica, mágica, celeste...⁴ muito longe da realidade dura que pesa sobre os atornentados.

MARIA NA HISTÓRIA DA IGREJA

A história da Igreja, com influência de várias culturas, parece ter esquecido da importância do sentido verdadeiro da identidade de Maria. Com isso, "Maria, a grande mulher, imagem do novo povo, foi de certa forma relegada a um segundo ou terceiro plano. Passou-se a falar mais da mulher-indivíduo, especialmente agraciada por Deus, detentora de todas as qualidades. Falou-se de seu misterioso relacionamento com José, multiplicam-se histórias como se fossem con-

tos de fada... separaram a vida de Maria da vida do povo... não se acentuou mais a relação de Maria com o acontecimento coletivo do Reino de Deus irrompendo na história humana"⁵. Neste quadro, Maria ganha coloridos e mais coloridos que quase fazem desaparecer sua real fisionomia.

Passa-se a não mais entender Maria como mulher mãe de um povo sofrido. As atenções se voltam para as especulações sobre a virgindade⁶ ou para a espiritualização do Magnificat. Deste modo, esvazia "todo o conteúdo libertário e subversivo para a ordem deste mundo decadente presente de forma inequívoca"⁷ na pessoa de Maria. Todavia, tal compreensão influenciou a religiosidade popular, fazendo ver Maria mais nas alturas do que no chão da história. A ela se presta culto de louvor e de glória por causa de suas relações com o divino. Imagina-se que a sua grandiosidade consiste no fato de ser divina. Este culto ou crença vê Maria muito longe dos clamores de seu povo. Por isso, parece desprovido de sentido e vazio, pois não contextualiza Maria dentro de uma situação concreta.

Este modo de ver Maria é questionável. Questionável porque se funda em uma espiritualidade quase

etérea. Não passa pela mediação da história. Parece desconhecer que a história humana é o lugar da prática da solidariedade para com os fracos⁸. Desta forma, quem diz amar Maria e não ama o pobre, é mentiroso.

No Magnificat, Maria deixa transparecer a sua inquietação diante do tormento dos pobres e, com muita veemência, diz que Deus fará justiça a todos. Com isso, ela se mostra solidária, unida com o sofrimento do povo fraco e intercede a Deus por ele. Daí que afirma Leonardo Boff: "Maria representou toda humanidade porque estava unida à humanidade. Agora reforça mais profundamente esta sua união. Junto com seu filho Jesus, nenhuma outra criatura está mais perto e dentro do coração de cada homem do que Maria. Por isso, pode ser invocada como medianeira e advogada nossa. No céu acompanha a trajetória de seus irmãos. Ninguém se considera totalmente feliz se não desejar ver a felicidade de seus irmãos"⁹. Neste sentido, poder-se-ia dizer que Maria nos chama a atenção para este sentimento de solidariedade de uns para com os outros. E, movidos por ele, a invocamos para que interceda junto de Deus por nós. É, seguindo esta via, que pode-se acreditar que Maria está

² Leonardo BOFF. *A fé na periferia do mundo*. Petrópolis, Vozes, 1983, p. 118.

³ Cf. Ivone GEBARA. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. São Paulo, Paulinas, 1990.

⁴ Cf. Eduardo HOORNAERT. *História do Cristianismo na América Latina e no Caribe*. São Paulo, Paulus, 1994.

⁵ Ivone GEBARA; Maria Clara L. BINGEMER. *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos Pobres*. Petrópolis, Vozes, 1988, p. 57.

⁶ Ibidem, p. 56-57.

⁷ Leonardo BOFF, Op. Cit. p. 126.

⁸ Cf. PUEBLA, *A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina*. *Texto Oficial*, Petrópolis, Vozes, 1988.

⁹ Leonardo BOFF. *O Rosto Materno de Deus*. Petrópolis, Vozes, 1995, p. 192.

no coração de seus filhos e seus filhos no coração dela. Ora, é por meio deste sentimento recíproco que se estabelece o nosso relacionamento com a Mãe de Deus.

Nesta esteira se pode falar em crença ou espiritualidade sustentável. Pode-se invocar Maria como medianeira, porque o sentimento que se tem em relação a ela é calcado numa realidade carente de justiça e, como conseqüência, leva-se em conta o trato que a mesma dispensou aos menos favorecidos. Portanto, desta forma, podemos afirmar que Maria tem lugar na história humana e mora no coração humano. Com ela podemos sempre contar.

Este não é o único e verdadeiro modo de conceber Maria na vida das pessoas. Porém, como mencionamos anteriormente, é a maneira que mais nos aproxima da Maria do Magnificat.

MARIA NA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Graças à Teologia da Libertação, atualmente se vive uma nova concepção de Maria, sobretudo na América Latina e no Caribe. Entre os méritos da Teologia da Libertação está o de ter resgatado a imagem de Maria do Magnificat. A Teologia da Libertação, como um pensar teológico a partir da realidade¹⁰, se deu conta da imagem

que forjaram de Maria ao longo da história da Igreja. Daí em diante, tratou de recolocá-la em seu devido lugar: Maria é Mãe de Deus e Mãe do povo marginalizado. Ela está presente na história deste povo e motiva-o a lutar por sua dignidade.

Para tanto, a Teologia da Libertação remonta ao Magnificat. Por meio dele "mostra a profunda solidariedade de Maria pelos oprimidos da terra. Ela é a mulher forte e libertadora que invoca a justiça de Deus contra os injustos deste mundo e suplica a intervenção divina em favor dos humildes e famintos"¹¹. A Teologia da Libertação entendeu que Maria tinha sido compreendida como uma mulher alheia à realidade humana.

Isso teve um alto custo para o pobre e para a mulher. A classe dominante encontrou na religião apoio para legitimar o poder e o machismo. Diante disso, recai sobre o pobre a miséria e, sobre a mulher, aumenta a desigualdade em relação ao homem. Aprofunda-se, então, o desrespeito à dignidade da pessoa humana.

Foi assim que Maria ficou por muito tempo. A sua imagem foi manipulada e introjetada no inconsciente coletivo da forma que mais convinha ao sistema. "Apesar disso, Maria tem sido a grande companheira e Mãe de muitas lutas populares na América

Latina. Muitos são os movimentos de camponeses no Brasil, na Bolívia e no Peru que são estimulados pelo amor do povo à Virgem que luta com eles pela sua libertação. Outro exemplo significativo é a devoção à Puríssima (Imaculada Conceição) na Nicarágua durante o período de luta dos sandinistas contra o regime de Somoza"¹². Assim é que a Teologia da Libertação entende Maria. Mulher modelo de justiça e engajamento. Está com os pobres e é pelos pobres na luta pela sua libertação.

É seguindo esta trilha que a Teologia da Libertação rompe radicalmente com a teologia tradicional. Se para a teologia tradicional o maravilhoso é o culto contemplativo a Maria, para a Teologia da Libertação, o maravilhoso é perceber Maria através do seu exemplo, impulsionando os marginalizados a reconquistarem o seu lugar na sociedade. A Teologia da Libertação fez com que o povo entendesse que Maria é fonte inspiradora de conquista dos direitos dos pobres.

É por isso que em suas lutas entoam este canto à Maria:

*"... Mãe dos oprimidos - rogai
Mãe dos perseguidos - rogai
dos desvalidos - rogai por nós
Mãe do bóia-fria - rogai
Causa da alegria - rogai
Mãe das mães, Maria - rogai por nós
Mãe dos humilhados - rogai
dos martirizados - rogai
marginalizados - rogai por nós..."*

Assim, segue o canto enumerando muitos outros clamores que são elevados a Maria, cantando com muita convicção. Sabem as comunidades que o entoam que Maria está junto delas e, por isso, têm o seu auxílio nas suas lutas. Com efeito, este é o novo jeito de louvar Maria. O canto ou o louvor passam pela realidade vivida. Isso é fruto da Teologia da Libertação.

Com esta maneira ousada e inovadora de interpretar Maria, essa teologia tem mostrado que se não fosse a deturpada concepção que quase sempre tiveram dela, a situação do continente latino-americano seria outra. Isso pode parecer muita pretensão, mas no fundo tem sentido. Basta notar os movimentos populares de homens e mulheres que surgiram nos últimos anos no seio da Igreja. Quantas conquistas alcançadas e quantas estão ainda por alcançar. O povo entendeu que política e fé andam juntas quando visam o bem comum. Por isso, hoje é muito comum, nos movimentos pastorais, as pessoas se reunirem para ler a Bíblia a partir da realidade sócio-política que as cerca. O carro-chefe dessas reflexões é quase sempre o Magnificat de Maria. Prova disso é o que afirma Leonardo Boff: "nos últimos anos, e de forma cada vez mais extensa, se está articulando outro tipo de piedade, fortemente centrada sobre o seguimento de Maria. Nas comuni-

¹⁰ Cf. Leonardo BOFF, *Teologia do Cativo e da Libertação*. Petrópolis, Vozes, 1980.

¹¹ Leonardo BOFF, *O Rosto Materno de Deus*. Op. cit. p. 193.

¹² Ivone GEBARA; Maria Clara L. BINGEMER. Op. cit., p. 155.

dades de base, nos grupos onde a dimensão política da fé se explicita e se exerce, apreciam-se, de modo especial, os traços denunciadores, proféticos e libertadores de Maria, presentes em seu hino de louvor, o Magnificat". Este texto é simples, mas de um conteúdo profundo e crítico.

Estas características são próprias deste texto. Sempre estiveram nele, mas por muito tempo não foi encarado sob esta ótica. Uma certa piedade fez adormecer por muito tempo esse lado crítico. Porém, a partir da Teologia da Libertação, foi possível resgatar as suas verdadeiras características. Este fato marca o salto de uma devoção alheia à realidade, para uma piedade crítica e situada na história.

Neste sentido, a Teologia da Libertação deixa para trás a noção tradicional de Maria. Para a Teologia da Libertação, Maria é sinônimo de compromisso. Portanto, "Não se pode, hoje, na América Latina, falar em Igreja dos pobres, em trabalho pastoral junto às classes populares, sem passar pela figura desta mulher... Não é possível, portanto, falar da organização e luta por libertação que se gesta na América Latina sem voltar os olhos para Maria e ver qual a palavra que sua pessoa e seu mistério estão dizendo hoje nas comunidades e grupos que buscam e vivem essa organização e essa luta." Estas frases deixam claro que a vida de Maria está entrelaçada com a vida de seu povo. É nesse sentido que se diz que é mérito da Teo-

logia da Libertação ter recolocado Maria onde ela devia ter estado sempre: do lado dos humilhados e dos famintos.

Desta relação ou parceria entre Maria e a Teologia da Libertação ganhou o povo pobre. Na luta pelos seus direitos, os pobres já não estão mais sozinhos. Os seus gritos de dor encontram respostas na pessoa de Maria, quando for assumido o rosto de Maria mostrado pela Teologia da Libertação: o rosto da pessoa comprometida com a causa dos perseguidos. Quando isto acontecer não será só consolidada a parceria entre Maria e a Teologia da Libertação, como também entenderemos que uma nova teologia marial nos mostra que "o mistério de Maria diz que o mundo não é apenas palco sinistro de uma tragédia absurda, onde vencedores e vencidos são sempre os mesmos, mas lugar da esperança de vitória daqueles que lutam o bom combate da vida, tendo sobre si pousados os olhos misericordiosos da Mãe da Vida. Estes têm sua vitória garantida naquela que, em Deus, é vitoriosa e não se desliga dos que a reconhecem e a invocam como advogada e Mãe". Com isso, fica evidente que a Teologia da Libertação não exige para a compreensão de Maria nada além do que lhe é devido: a Teologia da Libertação pensa Maria a partir do contexto do Magnificat. E o contexto deste é de denúncia e protesto. A Teologia da Libertação, portanto, encontra seu mais original fundamento em Maria.

A verdadeira espiritualidade marial é o compromisso com o Deus da Vida. Comprometer-se com o Deus da vida é assumir a história com seus conflitos, suas contradições e, mesmo assim, ser sinal de esperança para quem vive desiludido. Numa palavra: é optar pela causa dos pequenos e fracos. Ora, para entender isto não é preciso ser biblista, exegeta, nem teólogo. Basta ser humano para perceber a sensibilidade que Jesus e Maria tiveram para com os rejeitados pelo sistema.

Foi dito que basta ser humano para entender este fato. Ora, se somos todos humanos, por que não o entendemos? Salta-nos à mente a idéia de que fomos condicionados a entender Deus nos moldes tradicionais: a fé deve ser expressa numa linha vertical: eu e Deus. Ignora-se a expressão de fé em linha horizontal, quer dizer, eu, tu e Deus. Por isso se assemelha mais ao adágio popular: "cada um por si e Deus por todos".

Quando lemos o Magnificat sob a ótica da Teologia da Libertação entendemos que é contra esse comportamento que ela levanta a voz. Na verdade, poder-se-ia dizer que esta voz quer ser o despertar da consciência para o modo como a religião deveria ter sido sempre vivida: religiosidade profética.

Ao falar de Maria na Teologia da Libertação, importa lembrar a linhagem bíblica de mulheres que viveram esta "religiosidade" que culminou em

Maria. Míriam, Ana, Rute, Judite, Ester e tantas outras. A Teologia da Libertação resgata estas imagens para dizer que quando se fala em Maria a partir do pobre, isto não significa a invenção de uma teologia.

Trata-se de algo muito antigo, mas que só agora está sendo entendido. Estas personagens mencionadas exerceram papel fundamental na história da libertação do povo de Deus. Portanto, quando se fala de Maria, fala-se da Mãe do povo sofredor. Trata-se de uma teologia que não se furta de interpretar a Palavra de Deus "confrontada com a injustiça feita ao pobre". Eis o motivo pelo qual para Teologia da Libertação, "Maria é a profetisa do Magnificat que, antecipando-se ao anúncio libertador do seu Filho, mostra-se atenta e sensível à sorte dos humilhados e injustiçados; mesmo numa atmosfera de louvor, ergue sua voz denunciadora e suplica a revolução divina nas relações entre opressores e oprimidos".

Por fim, quando na Teologia da Libertação se fala de Maria, Mãe dos pobres, recordamos uma senhora, mãe de família, que conhecemos no interior do Piauí. Tinha dez filhos, sendo que um deles sofria de uma deficiência física que o imobilizava. Por isso, dependia da mãe para tudo. Ela dedicava todo o seu tempo a cuidar dele, que jazia em cima de um berço. Exigia da mãe o que os nove não Exigiam. Mesmo assim, nunca a vimos reclamar do filho, pelo contrário, disse-

nos ela que entre todos aquele era o mais amado, pois era o mais desprotegido. Com os olhos brilhando de felicidade e com a voz transbordante de amor, concluía dizendo: "ele é a minha vida, não sei o que seria de mim sem ele. Talvez seja por ser tão indefeso que o amo tanto".

Há muita semelhança entre esse fato e a maneira com que a Teologia da Libertação concebe Maria. Quer dizer, assim como a Mãe de família dispensa ao mais fraco dos filhos um cuidado maior, Maria volta o seu olhar, em primeiro lugar, para a grande maioria desprotegida.

Concluindo, importa ressaltar que de tudo que falamos, nada há que fere a imagem de Maria. Foi dito apenas o

que, a nosso ver, está mais próximo daquilo que o Evangelista colocou na boca de Maria, e que é defendido pela Teologia da Libertação. Defendido com acerto e razão, pois não seria justo propagar uma teologia marial que não levasse em consideração esta situação de miséria em que vivem os pobres e excluídos.

José Antonio é quartanista de teologia na Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

MAYORDOMÍA Y EVANGELIZACIÓN

Pe. Dr. Porfirio Méndez García

En este artículo se intenta hacer una breve exposición de la mayordomía. La mayordomía es una costumbre religiosa que se celebra en algunas comunidades indígenas de México, y también en otros países de América, en torno a determinados santos católicos.

La exposición será desde la práctica de la comunidad de Tlakilpa, Veracruz, México; y se tratará en cinco apartados. Se comenzará por hablar de la gestación de la mayordomía; en seguida, se describirá la celebración y se hará mención del contexto sociocultural; después se evocarán los elementos religiosos componentes de la mayordomía; más adelante se hará referencia a las tipologías teológicas de los participantes; y por último, se aludirá al servicio pastoral.

1. GESTACIÓN DE LA MAYORDOMÍA

La mayordomía se gestó durante el período colonial. En ese tiempo las comunidades indígenas, ante el acoso de los colonos, se apropiaron de algunas instituciones traídas de la

Península Ibérica; y, justamente, la mayordomía derivó de la apropiación de la cofradía.

La cofradía, institución religiosa católica que surgió en Europa, durante la Edad Media, fue fomentada en la Nueva España por los misioneros, como un medio para cristianizar a las comunidades indígenas¹.

Una cofradía estaba integrada por personas que se unían en torno a determinado santo, con el objeto de venerarlo y de ayudarse mutuamente, en lo espiritual y en lo material; y la dirección de la hermandad estaba encabezada por un comité que era nombrado en cabildo.

Cada cofradía redactaba los estatutos que regirían su hermandad; los cuales requerían de la revisión y aprobación del obispo. Asimismo la cofradía necesitaba aprobación regia. Las constituciones contenían los objetivos de la cofradía y también las obligaciones de los componentes; como: dar sus cuotas, participar en la fiesta del santo Patrón, socorrer a los hermanos en caso de necesidad y acompañar al cofrade en su funeral².

¹ Cf. Gerónimo de MENDIETA, *Historia eclesiástica indiana*, p. 609 (lib. V, cap. XVIII).

² Cf. Archivo General de la Nación, *Cofradías y archicofradías*, vol. 4, exp. 3, fs. 291r.293r; vol. 16, exp. 6, f. 147r.